

Marés sai da Funai atirando

Segundo ele, declarações de FH e do general Cardoso estimularam violência

Vannildo Mendes

BRASÍLIA

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Marés, responsabilizou o presidente Fernando Henrique Cardoso e o ministro-chefe da Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, pelo conflito que resultou em 141 prisões e sete feridos, inclusive índios, na festa dos 500 anos em Porto Seguro. Marés, que pede demissão hoje em caráter irrevogável, disse também que o ministro da Justiça, José Gregori, foi omissos. Segundo ele, a política de apoio ao índio está ameaçada.

— Ou ele (Fernando Henrique) se omitiu ou achou que o jeito certo de fazer segurança de um evento sociocultural era com força militarizada. Foi uma opção ruim — disse ele.

Marés definiu como cenas de horror a ação da polícia baiana contra os índios que tentaram fazer uma marcha de protesto de Santa Cruz Cabralia a Porto Seguro. Marés diz ter visto graves violações constitucionais, como ao direito de ir e vir e à livre manifestação, mas a seu ver a pior delas foi aos direitos humanos.

Para Marés, ação da polícia foi truculenta

• Para Marés, a ação dos policiais, que ele classificou de truculenta, foi iniciada por declarações infelizes de Fernando Henrique e do general Cardoso e só encontra paralelo nos períodos mais duros da ditadura militar. O presidente chamou o MST de grupo de baderneiros e o general deu ordens para que nenhum manifestante entrasse em Porto Seguro. Marés disse que a ideologia de direita, encarnada no general, triunfou de vez no Governo Fernando Henrique.

— O tratamento que o Governo dedicou à festa eu não havia visto nem na ditadura. Só vi algo parecido em 1968, na repressão ao movimento estudantil — afirmou.

Ele disse que tentou acalmar as tropas, mas não conseguiu. E, ao tentar impedir o segundo ataque, às 10h30m, recebeu como resposta duas bombas de gás.

— O presidente tem o poder. Ele optou pela segurança militarizada. Houve incitação oficial à violência, pois as declarações dos dois estimularam a PM a agredir o povo.

Para Marés, não adianta fazer autocrítica, mandar prender o comandante da PM ou punir os soldados pelos excessos, pois eles são os menos culpados. No seu entendimento, a mensagem implícita do Governo para a segurança era agredir mesmo.

— A festa foi um fracasso absoluto. O país perdeu a oportunidade de começar uma nova era. Mais uma vez prevaleceu a ótica da opressão que se abate sobre os índios há 500 anos.

Marés: Greca é o menor dos culpados

• Segundo Marés, que integrava a comissão organizadora dos festejos, o Governo sabia que haveria protestos. Para ele, o ministro Rafael Greca é o menos culpado, pois só organizou a parte festiva.

— Foi um ato grotesco de repressão ao povo. O Governo começou destruindo o monumento dos índios e terminou reprimindo a marcha.

Ex-exilado, professor de direito e amigo de dona Ruth Cardoso, Marés estava no cargo há cinco meses. Disse que sentiu desconforto desde o início, por ver a pouca importância dada às questões indígenas.

Assessor especial da Presidência da República, Moreira Franco disse:

— Não acho que o presidente tenha sido omissos. Como o próprio Marés disse, num ambiente democrático devemos preservar a qualquer preço as possibilidades de manifestação. Mas a civilidade democrática diz também que não deve haver constrangimento. O constrangimento houve para o presidente.

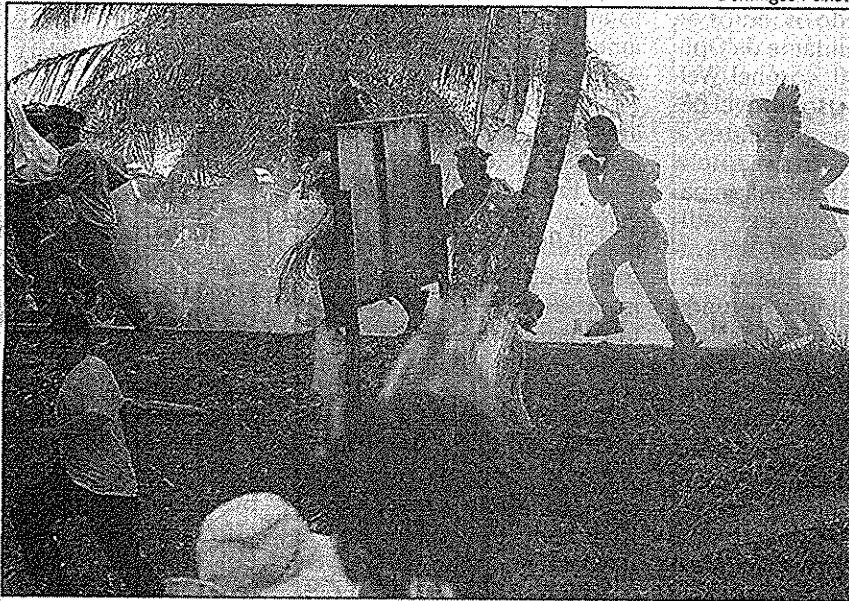
Sobre a demissão de Marés e as críticas feitas por ele, o ministro da Justiça, José Gregori, afirmou:

— Ele fez um desabafo. Tenho primeiro que conhecer oficialmente o pensamento dele.



CARLOS MARÉS, que apresentará seu pedido de demissão da Funai hoje: "O presidente (Fernando Henrique) tem o poder. Ele optou pela segurança militarizada"

Domingos Peixoto



XAVANTES desistem da marcha e passam pela Tropa de Choque na volta para casa

Domingos Peixoto



DURANTE O conflito de anteontem, Marés (à direita, atrás de um índio) corre